

A importância do cotidiano na docência de Sociologia no Ensino Médio.

Mariana Carolina Betiol¹

“Ensinar inexistente sem aprender e vice-versa e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar. Foi assim, socialmente aprendendo, que ao longo dos tempos mulheres e homens perceberam que era possível – depois, preciso – trabalhar maneiras, caminhos, métodos de ensinar.” (FREIRE, 2000)

Resumo

Este artigo pretende refletir a Sociologia enquanto disciplina do Ensino Médio, assim como as práticas e ferramentas que possibilitam ao professor desenvolver na sala de aula o questionamento e a crítica junto aos estudantes.

Buscarei encontrar as fronteiras que o ensino de Sociologia ainda deve ultrapassar para então formar uma identidade como disciplina para o Ensino Médio assim como pensar as metodologias de ensino que estão ao alcance do professor para fazer da sociologia uma disciplina capaz de despertar o olhar crítico e o questionamento da realidade. Pretendo também refletir sobre as mudanças que a instituição escolar sofreu no decorrer dos anos, a relação aluno-professor e as formas de aprendizagem em uma sociedade que avança a cada dia suas tecnologias.

Palavras-chave: Cotidiano; Ensino de sociologia; Ensino médio; Formação de professores; Tecnologia.

1. Introdução

Para pensar a Sociologia como disciplina escolar no Ensino Médio é preciso pensar no sentido da escola na qual segundo Arroyo “não se define basicamente como um lugar de falas, mas de práticas, de afazeres”. (ARROYO, pg. 152, 2000). Nesse sentido, é preciso refletir as práticas utilizadas e as possibilidades de mudança para uma Sociologia que parece aos estudantes, extremamente abstrata.

¹ Graduanda de Ciências Sociais na Universidade Estadual de Londrina; maribetiol@hotmail.com

É, portanto, necessário discutir as práticas adotadas no decorrer dos anos e a influência da tecnologia capaz de promover mudanças nas práticas de ensino, assim como nas formas de aprendizagem. Além disso, convém considerar as possíveis ferramentas que podem ser utilizadas pelo professor objetivando a aproximação do conteúdo sociológico do senso comum do estudante, podendo através de discussões e reflexões chegar à compreensão da sociedade em que vivemos.

“O cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão do presente. Todo dia, pela manhã, aquilo que assumimos, ao despertar, é o peso da vida, a dificuldade de viver, ou de viver nesta ou noutra condição, com esta fadiga, com este desejo.” (CERTEAU, pg. 31, 1998)

Dessa forma, pensar o cotidiano em uma sala do Ensino Médio é questionar as realidades nas quais pertencem, e, sobretudo, as informações diante de um determinado assunto no qual através da mídia, seja ela impressa ou televisiva, o estudante tem acesso.

Nesse sentido, para compreender a importância do cotidiano na docência de Sociologia no Ensino Médio, é preciso compreender as barreiras que o professor deve ultrapassar que não estão presentes apenas nos estudantes, mas também nas práticas de ensino e metodologias do professor de Sociologia.

Barreiras que estão intrinsecamente ligadas a professores sobrecarregados de trabalho e a falta de conhecimento sobre o sentido e a finalidade da disciplina de sociologia no Ensino Médio, onde tal desconhecimento acaba por levar a uma desvalorização da disciplina dificultando assim as discussões e a possibilidade da reflexão sociológica em sala de aula.

Refletir o cotidiano na docência de Sociologia no Ensino Médio é também refletir quanto às formas metodológicas de incorporá-lo em sala de aula, ou seja, o professor deve ter em mente que para trazer o cotidiano para discussão, a teoria sociológica não pode ser deixada de lado. Nesse sentido, as técnicas e metodologias utilizadas na docência não podem fugir da realidade.

2. A identidade da disciplina de Sociologia no Ensino Médio.

Segundo Sarandy (2001), as ciências possuem fronteiras as quais é necessário ultrapassar, no caso da Sociologia é preciso compreender qual a sua especificidade que nenhuma outra disciplina poderá oferecer, dessa forma é preciso criar a sua diferença, ou seja, afirmar uma identidade como disciplina no Ensino Médio.

Para o autor, a Sociologia vai desenvolver no estudante um pensamento crítico, sem descartar as outras disciplinas, pois o conjunto interdisciplinar colabora com o contato do estudante com sua realidade assim como com as diversas realidades e culturas ao seu redor. Nesse sentido, o autor afirma:

“É justamente nesse movimento de distanciamento do olhar sobre nossa própria realidade e de aproximação sobre realidades outras que desenvolvemos uma compreensão de outro nível e crítica.” (SARANDY, 2001)

Para Sarandy (2001), a identidade da Sociologia no Ensino Médio se explica a partir da mudança de percepção do aluno quanto às coisas ao seu redor, produzindo assim um raciocínio do qual outra disciplina não despertará.

“Talvez aí esteja à grandeza do estudo e ensino da sociologia: rasgar os véus das representações sociais e compreendê-las sob uma nova ótica, elas próprias como produtos sociais.” (SARANDY, 2001)

O ensino de sociologia no Ensino Médio deve, portanto, sempre ter, independente do conteúdo programado, um objetivo de desenvolver no aluno uma perspectiva sociológica. Ou seja, contribuir para uma formação que proporcione nos estudantes através de diferentes olhares, realidades culturalmente “distantes” de uma perspectiva capaz de questionar suas realidades e a sociedade a qual pertence.

O cotidiano está estritamente ligado a tal contribuição de novas perspectivas, pois segundo a autora Maria Helena Souza Patto (1993), em estudo sobre o conceito de cotidianidade em Agnes Heller, é na vida cotidiana que se dá as transformações sociais. É preciso, portanto pensar não apenas no cotidiano escolar, ou seja, entre os muros da escola, mas sim além deles. A autora Marília Duran (2007) ao discutir o cotidiano em Michel Certeau afirma que:

“pesquisar o cotidiano escolar é justamente captar essas artes de fazer, essas operações que acontecem nas escolas, realizadas por professores e alunos. Mas não só. Pesquisar o cotidiano escolar significa um caminho de investigação pela sondagem das “vias da lucidez e da ação”. (DURAN, 2007)

Nesse sentido, a prática cotidiana, as experiências e vivências individuais fazem parte de um conhecimento no qual através de uma metodologia adequada e de um conjunto de conceitos teóricos elaborados poderá trazer a sala de aula o questionamento da realidade.

Dessa forma, o estudante poderá desenvolver um modo crítico de olhar, assim como de pensar as realidades ao seu redor não apenas pela aprendizagem teórica, mas também através das experiências vivenciadas. Portanto, o objetivo do ensino de sociologia é, de “proporcionar a aprendizagem do modo próprio de pensar de uma área do saber aliada à compreensão de sua historicidade” (SARANDY, 2001).

O Sociólogo Paulo Meksenas (1995) ao discutir sobre o ensino de Sociologia na escola secundária trabalha a questão dos métodos e afirma que é preciso encontrar um limite para que as exposições dos professores de Sociologia, não se prendam apenas ao conceitual-teórico, mas também que não os deixe totalmente de lado. É de grande importância não deixar que se perca o intuito da disciplina, na qual busca estabelecer no estudante uma compreensão da sociedade em que vive através das teorias sociológicas.

“Cursos excessivamente conceituais e teóricos, onde o aluno está diante de uma Sociologia que parece não ter significado algum. É o aprendizado da teoria pela teoria. Outros professores, na busca de evitar esse tipo de curso, se dirigem ao oposto: descartam o aprendizado dos autores clássicos e abordam apenas as questões conjunturais presentes na sociedade brasileira. O limite desta outra concepção de conteúdos não leva em consideração de que é impossível a análise da sociedade brasileira contemporânea, sem associar essa análise ao arcabouço teórico da Sociologia. São cursos que, ao se prenderem na simples descrição dos acontecimentos sociais, tornam-se puramente jornalísticos.” (MEKSENAS, 1995).

Entretanto, para chegar a tal objetivo é necessário um desenvolvimento de metodologias nas quais desenvolvam uma postura cognitiva, e que não permaneçam apenas fincadas nas teorias sociológicas, mas que possam abordar, seja através de exemplos, filmes, teatros, músicas ou mesmo trabalho de pesquisa que aproximem a compreensão da sociologia à realidade do estudante, trazendo assim a sala de aula uma curiosidade da qual ao longo dos anos os estudantes vão deixando de lado.

Para isso, é preciso que o professor, seja de Sociologia ou mesmo de outras áreas, esteja disposto a experimentar novas metodologias, as quais poderão dar espaço para colaboração do estudante em sala de aula. Tais colaborações podem ser um início do desenvolvimento da curiosidade e do interesse dos estudantes, que se perdeu ao longo dos anos e buscar assim uma proximidade na relação entre aluno-professor.

3. Como pensar em uma metodologia de ensino de Sociologia para o Ensino Médio?

A busca por novos métodos faz com que o ensino de Sociologia no Ensino Médio tenha um grande desafio: fazer ligação da teoria com a prática. Dessa forma, a grande dificuldade é fazer da transmissão de informações passadas durante uma aula em conhecimento propriamente dito.

Deixar apenas a leitura pautar uma aula ou mesmo somente encher o quadro, para depois aplicar a prova é um modelo pronto e automático que serve apenas para a reprodução e que deixa de lado o propósito do ensino de sociologia visando à formação de um indivíduo crítico, ou seja, um cidadão.

Reprodução no sentido conceitual de Pierre Bourdieu (2008), na qual qualquer ação pedagógica é uma violência simbólica² enquanto imposição de poder arbitrário, ou seja, tal ação é cada vez mais eficaz tanto quanto o arbítrio é imposto, dessa forma a ação pedagógica tende a tal reprodução tanto cultural quanto social.

Nesse sentido, cabe questionar a formação do professor de sociologia, o qual retomando o pensamento de Sarandy (2001) deve em suas exposições objetivar a compreensão e percepção dos estudantes quanto à realidade da sociedade a qual pertence, entretanto, se pensarmos nas salas de aulas onde são comuns estudantes desinteressados, de que maneira um professor poderia estar desenvolvendo tal percepção?

Bourdieu faz uma narrativa quanto os aspectos da mudança de atitude dos estudantes atuais:

“Passou o tempo das pastas de couro, dos uniformes de aspecto austero, do respeito devido aos professores, outros tantos sinais de adesão manifestados diante da instituição escolar pelas crianças oriundas das famílias populares, tendo cedido o lugar, atualmente, a uma relação

² Violência suave que ocorre onde se apresentam encobertas as relações de poder que regem os agentes e a ordem da sociedade global. Neste sentido, o reconhecimento da legitimidade dos valores produzidos e administrados pela classe dominante implica o ‘desconhecimento’ social do espaço, onde se trava, simbolicamente, a luta de classes (BOURDIEU, 1994, p. 25)

mais distante: a resignação desencantada, disfarçada em negligência impertinente, é visível através da indigência exibida do equipamento escolar, os cadernos presos por um barbante ou elástico transportado de forma displicente em cima do ombro, os lápis de feltro descartáveis que substituem a caneta-tinteiro de valor oferecida para servir de encorajamento ao investimento escolar ou na ocasião do aniversário, etc.[...]" (BOURDIEU, 2008).

O autor demonstra claramente as mudanças ocorridas na instituição escolar, não apenas nos estudantes, mas também nas exigências das escolas. A resignação desencantada a qual Bourdieu (2009) cita, não é apenas dos estudantes que não mais se preocupam com seus materiais e seu comportamento em sala, já que os estudantes não mais se interessam pelo que a escola pode lhes oferecer. Esse desencantamento também está ligado a professores exaustos em suas empreitadas de tentar seduzir alunos não mais interessados e extremamente apáticos, tornando-se também resignados e entregues a situação em que se encontram, ou seja, desiludidos com a instituição que muitas vezes parece estar falida.

Apesar de situações como esta, há também momentos em que o professor se depara, ainda que com poucos alunos, mas que estão interessados e que neste momento dá sentido e força para continuar a empreitada. É por isso que tal instituição muitas vezes parece estar falida, mas a tarefa de ensinar, apesar de sofrer muitas mudanças no decorrer dos anos, acabou por criar novos fundamentos e alicerces, os quais possibilitam a aprendizagem.

François Dubet (1997) exemplifica a dificuldade do professor em sala de aula em uma entrevista à Universidade de São Paulo, a qual explica ter decidido ensinar por um ano porque considerava as descrições dos professores “um tanto exageradas”. Dubet (1997) descreve as dificuldades encontradas em sala de aula afirmando que “é extremamente cansativo dar aula já que é necessário a toda hora dar tarefas, seduzir, ameaçar e falar [...]. Aprendi que para uma aula que dura uma hora, só se aproveitam vinte minutos.”

O exemplo de Dubet (1997) deixa clara a situação do professor, o qual para conquistar os alunos e prender sua atenção é preciso estar a todo o momento ocupando e trazendo coisas novas. O professor precisa ter, à toda sala que se entra, uma “carta na manga”, é preciso estar preparado para retomar de onde parou e renovar o interesse dos alunos:

“a relação escolar é a priori desregulada. Cada vez que se entra na sala, é preciso reconstruir a relação: com este tipo de aluno ela nunca se torna

rotina. É cansativa. Cada vez, é preciso lembrar as regras do jogo; cada vez, é preciso reinteressá-los, cada vez é preciso ameaçar, cada vez, é preciso recompensar (...). A gente tem o sentimento de que os alunos não querem jogar o jogo e é muito difícil porque significa submeter à prova suas personalidades. Se eu falo de charme, de sedução, não é por narcisismo, é de fato o que a gente realmente experimenta. É uma experiência muito positiva quando funciona, a gente fica contente; quando não funciona a gente se desespera.” (DUBET, 1997)

Neste sentido, é preciso que o professor esteja preparado metodologicamente para suas aulas, procurando ter preparado significativamente uma aula e pensando em novidades as quais poderão ser usadas em sala para criar uma relação de proximidade com a realidade do estudante. Portanto, seja qual for o método escolhido pelo professor, o que deve levar-se em conta é que uma aula deve ser preparada e que não pode se reduzir apenas a uma discussão teórica ou conceitual nem mesmo a apenas uma discussão sobre os acontecimentos na atualidade, é preciso a cada aula estabelecer uma relação dos conteúdos teóricos e conceituais com os acontecimentos, buscando assim através da teoria sociológica a compreensão da sociedade.

Se o objetivo da sociologia é fazer com que os estudantes sejam capazes de tornarem-se críticos é preciso que o professor seja capaz de instruir para tal possibilidade abrindo espaço também as experiências que os estudantes podem trazer à sala. Gasparin (2005) afirma que o método deve partir por uma preocupação de tentar mobilizar o aluno, sendo assim o primeiro passo para a “construção do conhecimento escolar”. (GASPARIN, 2005) Entretanto, para isso ocorrer,

“o educando deve ser desafiado, mobilizado, sensibilizado; deve perceber alguma relação entre o conteúdo e a sua vida cotidiana, suas necessidades, problemas e interesses. Torna-se necessário criar um clima de predisposição favorável à aprendizagem”. (GASPARIN, 2005)

A prática docente deve, portanto considerar os conhecimentos que os estudantes trazem, ainda que do senso comum, para assim através das teorias e conceitos despertar a reflexão e o conhecimento sociológico que gere uma nova ótica da sociedade em que vive. O professor deve apresentar um conteúdo programático bem estruturado e visando os objetivos nos quais pretende atingir, sejam eles sociais ou políticos. Entretanto, dar espaço a opinião dos estudantes quanto ao tema trabalhado, consiste também na busca de ultrapassar a pré-noção deste estudante e que através de novos dados, referências e informações, juntamente com a teoria sociológica vão despertar o questionamento e a

nova perspectiva quanto à sociedade atual em que o estudante se encontra. Ou seja, o estudante torna-se um cidadão capaz de questionar a sociedade, seja ela local ou global.

“a ação docente deve voltar-se não para aquilo que o educando sabe fazer por si mesmo em seu pensamento, mas para a possibilidade de transição do que sabe fazer para o que ainda não sabe realizar; só assim a aprendizagem pode fazer avançar o desenvolvimento. Por isso, a aprendizagem frutífera é a que se dá dentro dos limites do período que determina a zona de desenvolvimento imediato.” (GASPARIN, 2005)

É nesse sentido que a importância do cotidiano em sala de aula e, mais especificamente, no ensino de Sociologia se destaca. Se o cotidiano, a luz de Michel Certeau (2008), é tudo aquilo que está presente no dia a dia, trazer as pré-noções dos estudantes as salas de aula, não é apenas “dar voz” aos estudantes, mas questionar o que hoje se faz presente no meio cotidiano deste estudante. Ou seja, questionar as informações as quais o estudante tem contato, seja através da televisão, revistas, internet e redes sociais. Tais meios de comunicação podem ser utilizados em sala de aula, juntamente com a teoria sociológica buscando trazer aquilo que parece estar extremamente distante para mais próximo do estudante. Nesse sentido, “o professor e o ensino são, assim, mediadores fundamentais entre a aprendizagem escolar e o desenvolvimento intelectual do aluno.” (GASPARIN, 2005).

O uso de imagens, fotos, propagandas, trechos de filmes e músicas, trabalhos de pesquisas são algumas das opções as quais o professor de Sociologia pode utilizar para mobilizar os estudantes e construir “uma ponte entre o conhecimento teórico e a explicitação da sociedade a qual o aluno se insere.” (MEKSENAS, 1995).

Neste sentido, o que está presente no cotidiano do estudante é a parte concreta o qual pode ser utilizado para através de mediações da teoria sociológica chegar a reflexão e assim propor uma nova visão, uma visão mais elaborada do cotidiano. Segundo Meksenas, “as diferentes práticas de ensino partem sempre de certos níveis de concretude, chegando, pela abstração, a outros níveis de concretude.” (MEKSENAS, 1995).

“podemos afirmar que o saber de senso comum é o primeiro nível de concretude do conhecimento do aluno. O momento da explicação e da problematização do senso comum, quando o professor fornece informações novas, a respeito das questões abordadas, explicitando assim, o ponto de vista da ciência, a respeito do tema em estudo. Nesse momento o professor com os seus alunos, provoca o confronto do saber cotidiano com o saber sociológico e produz o momento da teorização, que é a etapa mais refinada do processo de abstração. O resultado desse

confronto de saberes, já o vimos, se traduz no refinamento do senso comum – o bom senso – que se constituiu no segundo nível de concretude.” (MEKSENAS, 1995:79)

E como os professores estão trabalhando com o senso comum? Existe nas salas de aula o espaço de debate para os alunos? Quais as ferramentas são adotadas pelos professores para se aproximarem dos temas trabalhados?

Em pesquisa realizada por Atila Motta (2011) com os professores de Sociologia da Rede Pública do Núcleo Regional de Ensino de Londrina e Cornélio Procópio, podemos observar como os professores têm utilizado as ferramentas no cotidiano em sala de aula.

Com relação aos debates desenvolvidos durante as aulas com os estudantes: 30% dos entrevistados apontam *muitas vezes* abrir este espaço em sala de aula, e nenhum dos entrevistados respondeu *nunca* ter aberto discussões em sala, como mostram os dados abaixo:

Tabela 1. Aulas dialogadas e debates em aulas de Sociologia

Nº de entrevistados	Às vezes	Com certa freqüência	Muitas Vezes	Sempre	Nunca
66	19	13	20	14	0
	29%	20%	30%	21%	0%

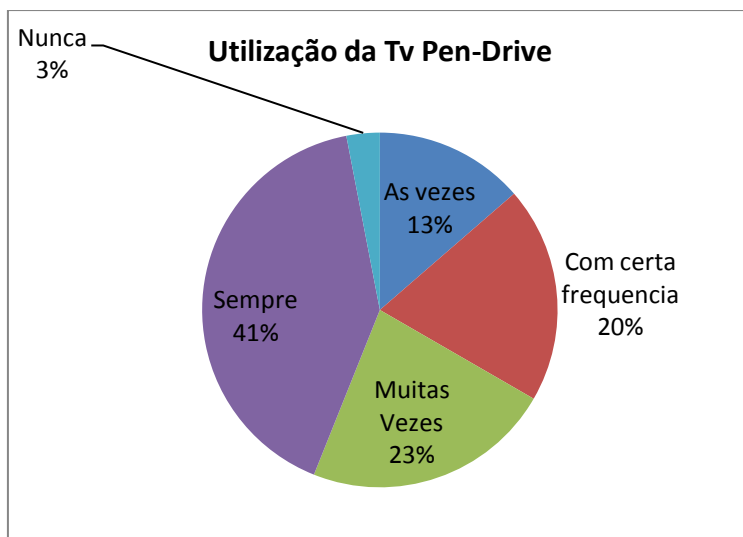
Fonte: Motta, 2011.

Entretanto, é preciso pensar nas condições e quais as formas de espaço para a expressão da opinião ou mesmo do conhecimento do aluno, assim como o fato do espaço para discussão em sala poder muitas vezes ser aberto, mas o professor pode se deparar com o desinteresse do aluno, ou seja, sem a sua colaboração.

Refletindo sobre as discussões em sala de aula e a possível abertura para compreender o que o aluno já conhece sobre determinado tema, o cotidiano se direciona no momento de buscar trazer a Sociologia para mais próximo da sala de aula podendo assim despertar o interesse pelo social.

Uma das ferramentas que podem ser utilizados em uma sala de aula na rede pública de ensino é a TV Pen-Drive³. Referente a esta ferramenta a pesquisa de Atila Motta (2011) com os professores da rede pública do Núcleo Regional de Ensino de Londrina e Cornélio Procópio, mostra que 41% dos entrevistados *sempre* utilizam da TV Pen-Drive em suas aulas:

³ Programa Nacional de Tecnologia Educacional (ProInfo) aprovado pelo Decreto-lei 6.300, de 12 de dezembro de 2007, atendendo ao disposto na Lei 10.172/2001, que aprovou o Plano Nacional de Educação, tem por finalidade promover o uso pedagógico das Tecnologias das informações e comunicações (TICs). (TREVISAN, 2010) Que visa no artigo 1º do Decreto-lei 6.300: I – promover o uso pedagógico das tecnologias de informação e comunicação nas escolas de educação básica das redes públicas de ensino urbanas e rurais; II – fomentar a melhoria do processo de ensino e aprendizagem com o uso das tecnologias de informação e comunicação. (BRASIL, 2007)

Gráfico 1.

Fonte: Motta, 2011.

O número de professores que utilizam da TV Pen-drive em suas aulas é significativo, mas é preciso ressaltar que o fato de que utilizar este instrumento não significa uma forma de trazer uma discussão do cotidiano ao ambiente escolar, através de propagandas, imagens, trechos de filmes, entre outros. Apesar de discutirmos anteriormente aulas mecânicas com apenas o preenchimento do quadro, a utilização da TV Pen-Drive apenas para mudar o formato, entretanto não mudar a prática de nada irá mudar a reprodução, ou seja, esta ferramenta acaba sendo utilizada apenas para otimizar a aula, diminuindo o tempo que se gasta ao passar um resumo no quadro.

É importante ressaltar que apenas 3% dos professores entrevistados responderam *nunca* utilizar da TV Pen-Drive, mas nesse caso é preciso pensar nas barreiras encontradas pelos professores, seja nas dificuldades em lidar com as tecnologias midiáticas assim como com a própria TV Pen-Drive que tem várias exigências para leitura de arquivos ou que muitas vezes não funcionam.

A pesquisa também abrangeu as considerações dos professores quanto ao ensino de Sociologia. É possível verificar que muitos dos professores entrevistados estão bastante preocupados com as metodologias e do quanto precisa de investimento em recursos e capacitação, como por exemplo:

“O ensino de sociologia é cada vez mais importante, porém, é necessário que o estado forneça mais condições para o ensino dessa matéria. Desde a realização do concurso público até o acesso à materiais didáticos, etc.” (MOTTA, 2011)

“Precisamos nos mobilizar para provocar o respeito pela disciplina, pois ainda somos questionados sobre a função da sociologia.” (MOTTA, 2011)

“Estamos ainda engatinhando, falta material e precisamos descobrir formas novas e dinâmicas de trabalho.” (MOTTA, 2011)

A preocupação para as mudanças no meio escolar não deve partir apenas dos professores, é preciso também que os mesmos tenham o apoio e estrutura necessária, estrutura essa que deve partir do estado, seja através de novas contratações de professores habilitados para as disciplinas como também com condições materiais como, por exemplo, o acesso a livros didáticos.

4. As formas de aprendizagem e as mudanças no decorrer dos anos.

Na atualidade, a escola vem sendo compreendida como um projeto em longo prazo, ou seja, levam-se anos para uma formação, e os interesses imediatistas que têm surgido são grandes influências para as mudanças no ensino-aprendizagem. Um exemplo desta situação é a mudança da relação aluno-professor. Esta relação por vários anos considerou os professores como os sábios, pois eram eles quem detinha o conhecimento, e, portanto eram tratados com respeito. Atualmente as tecnologias e as práticas imediatistas de “conhecimento”, fez com que os estudantes não mais se apegassem ao processo “lento” de aprendizagem e dessa forma a relação aluno-professor acabou por se fragilizar ao longo dos anos. O respeito ao professor, o qual era o conhecedor se perde atualmente já que não interessa mais o conhecimento, e assim não há mais razão para tal respeito.

Os intelectuais também estão perdendo o papel significativo para as mudanças sociais. Até mesmo as Universidades estão passando por esse processo de resignificação e perda da legitimidade, pois há um crescente desinteresse em dedicar-se a uma aprendizagem de longo prazo, fortalecendo assim cursos rápidos e a distância.

Segundo o autor Zigmunt Bauman (2008), as formas de aprendizagem dos anos 70 e 80 não são mais iguais, pois na atualidade as crianças acreditam no sucesso de

pessoas que mudam ou ascendem repentinamente, não tendo mais a idéia de que seria necessária uma aprendizagem a qual demandaria longos anos.

A socióloga Maria José de Rezende (2009) em pesquisa realizada com alunos do ensino médio matutino da Escola Estadual Altair Mongruel, de Ortigueira - Paraná proposta pelo LENPES – Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão de Sociologia, analisou que:

“a totalidade dos estudantes concebe a escola como um meio que ajuda a obter algum tipo de trabalho no futuro. Eles (as) insistem que as aspirações que os (as) levam a freqüentar os bancos escolares, estão inteiramente vinculadas à possibilidade futura de conseguir um emprego. Muitos (as) dizem que é esta a razão principal de sua permanência na escola.” (REZENDE, 2009:407)

A autora enfatiza ainda que a perspectiva de que a instituição escolar pode lhes garantir um emprego, ou mesmo condições para ingressar no mercado de trabalho, está presente em boa parte dos estudantes. Acreditam ainda que a escola seja um fator importante para romper com a pobreza e para muitos dos estudantes, estar empregado, por mais simples que seja, já possibilita o distanciamento da pobreza absoluta.

As novas tecnologias da informação e comunicação (TICs) são também destacadas pela Socióloga, que nas considerações dos estudantes, tais tecnologias são grandes responsáveis pelas oportunidades que a educação pode promover e assim a postura dos estudantes “se aproxima de alguns técnicos das Nações Unidas que insistem que é indubitável que a educação associada às novas tecnologias levará a muitas melhorias sociais.” (REZENDE, 2009)

Entretanto, para que as novas tecnologias sejam mais uma ferramenta a favor da educação, é preciso ter claramente desenvolvido o seu papel diante de professores e alunos. As informações estão de fácil acesso e, portanto, o debate em sala de aula poderá ser produtivo desde que o professor esteja preparado com dados e referências teóricas para debater com as pré-noções dos estudantes e chegar ao nível necessário de abstração e conseqüentemente de compreensão.

Zigmunt Bauman (2008) ressalta que a velocidade da informação é diferente da velocidade de conhecimento. A informação atualmente está disponível, ao acesso de todos, entretanto seguir essas informações não significa interessar-se ou mesmo aproximar-se do conhecimento de fato.

É nesse sentido que a Sociologia deve pensar o cotidiano, ou seja, as coisas presentes no dia a dia dos estudantes e assim destacar e transformar a informação em uma possível busca pelo conhecimento. Deve partir, portanto, de pequenas inserções na realidade do estudante para aproximá-lo do conhecimento sociológico e do objetivo da disciplina na formação de um cidadão capaz de questionar a realidade.

Considerações Finais

Para pensar o quanto o cotidiano pode ser importante em uma aula de Sociologia no Ensino Médio, é preciso que o professor se questione em como organizar uma aula, de forma lógica para passar aos alunos, pensar nas formas de conexões de raciocínio, o qual se confronta com demais ciências e que dará valor cognitivo a aula.

A Sociologia no Ensino Médio é importante, pois traz a sala de aula um debate muitas vezes deixado de lado e é esse debate que abrirá espaço ao estudante de compreender e questionar o mundo das relações e das ações sociais.

Para aplicar o cotidiano em sala de aula não dá para pensar em algo pronto, ou seja, receitas de como fazer, porque as coisas mudam a todo o momento, a modernidade, segundo Bauman (1999), é frenética e dessa forma, o professor deve estar acompanhando e se atualizando para assim buscar “links” com os conceitos e teorias sociológicas. Na atualidade algumas coisas são tão naturais de nossa vivência que acaba passando despercebido, mas que podem de alguma maneira colaborar com as teorias sociológicas, e por isso o professor precisa acima de tudo, buscar sempre um estranhamento, para que possa observar os elementos importantes possíveis de ressaltar em sala.

Isso não significa que o professor deve prender - se apenas ao moderno, mas que é possível mostrar as mudanças no decorrer dos anos, como por exemplo, na área do consumo, mostrando como há anos atrás ninguém tinha celular, e hoje há pessoas que tem dois ou três aparelhos, e aparelhos que deixam conectados a todo instante nas redes sociais, o que mal era cogitado há poucos anos atrás. Comparar, por exemplo, o pensamento sobre a superioridade de raça, e mostrar que não é só a raça negra que sofreu com o preconceito, trazendo assim a discussão para o nazi-facismo.

Dessa forma, a intenção de trazer o cotidiano para a sala de aula, têm o sentido de mobilizar os alunos e tornar a Sociologia, a qual muitas vezes parece aos estudantes

uma disciplina incompreensível e dispensável, como algo que está mais próximo do que se imagina.

Referências Bibliográficas

ARROYO, Miguel, **Ofício de mestre: imagens e auto-imagens**. 3ª ed. Petrópolis: Vozes. 2000.

BAUMAN, Zigmunt. **A Sociedade Individualizada**. Vidas contadas e histórias vividas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008, p. 158 - 177.

_____. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

_____. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de Educação**. 10ª ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2008, p. 219 – 227.

_____. **O campo científico**. In: Ortiz, R. & Bourdieu, P. *Coleção Cientistas Sociais*. São Paulo: Ática, 1994.

BRASIL. Decreto-lei 6.300, 2007. Aprova Dispõe sobre o Programa Nacional de Tecnologia Educacional-ProInfo. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2007/Decreto/D6300.htm. Acesso em: 01/11/2011 às 22h33min.

CERTEAU, Michel. GIARD, Luce. MAYOL, Pierre. **A invenção do Cotidiano: 2. Morar e Cozinhar**. Petrópolis, Rio de Janeiro, Ed. Vozes, 1998.

DUBET, François. **Quando o sociólogo quer saber o que é ser professor**. Entrevista com François Dubet. São Paulo, Revista Brasileira de Educação, nº5, mai/ago. 1997, p.222 – 231.

DURAN, Marília Claret Geraes. **Maneiras de pensar o cotidiano com Michel de Certeau**. *Diálogo Educ.*: Curitiba, v. 7, nº 22, set./dez. 2007, p. 115-128.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. 15ªed. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 2000.

GASPARIN, João I. **Uma didática para a pedagogia histórico – crítica**. 3ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

MEKSENAS, Paulo. O ensino de Sociologia na Escola Secundária. In: **Leituras & Imagens**, Grupo de Pesquisa em Sociologia da Educação. Florianópolis: Universidade do Estado de Santa Catarina-UDESC, pp 67-79, 1995

MOTTA, Átila Rodolfo R. **Que sociologia é essa? Análise da recontextualização pedagógica do conhecimento sociológico.** Dissertação de mestrado em conclusão. 2011.

PATTO, Maria Helena Souza. **O conceito de cotidianidade em Agnes Heller e a pesquisa em Educação.** Perspectivas, São Paulo, nº16, 1993, p. 119-141.

ROSSLER, João Henrique. **O desenvolvimento do psiquismo na vida cotidiana: aproximações entre a psicologia de Alexis N. Leontiev e a teoria da vida cotidiana de Agnes Heller.** Cad. CEDES: Campinas, vol.24, nº62, abril 2004, p. 100-116.

SILVA, Ileizi L.F.; LIMA, Ângela M^a de Souza; NUNES, Nataly; LIMA, Alexandre G. C. (orgs.) **Caderno de metodologias de ensino e de pesquisa de Sociologia.** Londrina: UEL, 2009, p. 393-449.

SARANDY, Flávio Marcos Silva. **Reflexões acerca do sentido da sociologia no Ensino Médio.** Desenvolver a perspectiva sociológica: objetivo fundamental da disciplina no Ensino Médio. Revista Espaço Acadêmico. Ano I, nº5. Out. 2001.